

## FAZENDO PEDAGOGIA DA AUTONOMIA COM A OCUPA IEPIC

Valéria Lopes Peçanha<sup>1</sup>  
Mateus Almeida

*“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.*

Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia

### Introdução

Em março de 2016, estudantes da rede estadual do Rio de Janeiro iniciaram uma onda de ocupações nas escolas da rede em apoio à greve dos profissionais da educação, que se estenderia até o final de julho num longo e duro processo de negociação. Contrariando o efeito de esvaziamento causado pela greve, ao ocupar suas escolas as/os estudantes da rede estadual iniciaram um processo de crítica e reivindicação da educação, afetando as assimetrias da estrutura educacional.

Acrescentando suas próprias pautas e formas de luta ao movimento de defesa da educação, as reivindicações estudantis abarcaram desde demandas por gestão democrática até rejeições ao projeto educacional imposto pela SEEDUC à rede, em que avaliações periódicas de larga escala (SAERJ) passaram a gerar rankings de desempenho com impactos sobre as verbas destinadas às escolas.

Neste processo, as/os estudantes ocupantes projetaram para o debate político no espaço público a precarização e os autoritarismos envolvidos na sistemática negação do direito a educação ao qual são cotidianamente submetidos, abrindo diálogo com suas cidades e com outras instituições de ensino, além das instâncias administrativas do governo

---

<sup>1</sup> Valéria Lopes Peçanha é professora de Sociologia do Colégio Pedro II – Campus Niterói e doutoranda em Educação pelo ProPed/UERJ. Contato: [vallpecanha@gmail.com](mailto:vallpecanha@gmail.com). Mateus Almeida é ex-aluno do Colégio Pedro II – Campus Niterói e atualmente é estudante de Ciências Sociais/UFF. Contato: [mateusalmeida017@gmail.com](mailto:mateusalmeida017@gmail.com).

estadual. Como sujeitos que falam por si mesmos, passam a reivindicar qualidade de ensino num sentido que expõe e põe em xeque a política educacional meritocrática vigente.

Vivenciando este processo em Niterói, integramos a cooperação de professoras/es e estudantes do Colégio Pedro II – Campus Niterói em apoio à Ocupa IEPIC. No início de abril, o IEPIC (Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho) se tornou a 12ª escola estadual a ser ocupada no RJ, sendo a primeira na cidade de Niterói<sup>2</sup>. Pronunciando-se através da página IEPIC em luta no Facebook em 08 de abril de 2016, as/os estudantes ocupantes declaravam que:

Ontem, dia 7 de abril de 2016 às 7h da manhã, nós, estudantes secundaristas, de forma totalmente autônoma, ocupamos o Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho. Primeiramente, gostaríamos de esclarecer que a iniciativa da ocupação foi tomada pelos estudantes do IEPIC. Os demais estudantes secundaristas se somaram a luta, pois as nossas reivindicações são comuns a todos os estudantes secundaristas do Estado. Quanto a infraestrutura e ao acesso à escola, até o momento não conseguimos tomar grandes providências, pois a direção, cumprindo o seu papel de representante do Estado, está impedindo ao máximo a representação da legitimidade do nosso movimento. Contamos com o apoio dos pais, alunos e professores, para que a luta da classe trabalhadora não fique apenas no papel. Estamos aqui para melhorar a escola e não para destruí-la. Devido as nossas dificuldades, nós aceitamos toda ajuda (exceto “ajudas” com interesses governistas e eleitores). Ocupar, resistir, lutar para garantir! #OCUPIC #OCUPAIEPIC ( Postagem de 08/04/2016 da página IEPIC em Luta no Facebook, gerida por estudantes ocupantes.)

Em apoio ao movimento de ocupação do IEPIC, foram realizadas doações das quais participaram ativamente o corpo docente e discente do CPEI e desenvolvidas atividades pedagógicas que buscaram colaborar com a reorganização experimental do processo educacional sob a gestão estudantil. Tais atividades foram desenvolvidas por professoras do Laboratório de Humanidades do campus Niterói do Colégio Pedro II (LabHum) e contou com a presença e a participação de estudantes interessados em conhecer a ocupação, tendo sido construídas e agendadas com a anuência do GT de comunicação da Ocupa IEPIC.

---

2 Foram registradas mais de 50 unidades ocupadas em todo o Estado do RJ, sendo 4 em Niterói.

Neste breve relato de experiência pedagógica, buscaremos resgatar nossa participação de apoio e colaboração com as ocupações estudantis com a atividade *Pedagogia da Autonomia em construção*, que construímos em conjunto num momento em que havíamos concluído o projeto de Iniciação Científica Jr. *Novas formas de participação política do movimento estudantil no CPII* (desenvolvido no LabHum entre 2014 e 2015) e observávamos a riqueza da participação política estudantil naquele momento.

### **As ocupações estudantis como possibilidade de criar uma outra escola**

Em 23 setembro de 2015, Herman Voorwald (secretário estadual de educação do governo de São Paulo até sua renúncia em dezembro de 2015), anunciou o plano de “reorganização escolar” paulista, que consistia na divisão das escolas por ciclos de ensino<sup>3</sup>. Na prática, a “reorganização escolar” acarretaria no encerramento das atividades de dezenas de escolas do estado de São Paulo, atingindo milhares de alunos.

Os estudantes da rede estadual paulista iniciaram o processo de resistência ao projeto, que havia sido elaborado sem diálogo com os usuários da rede, realizando campanhas em redes sociais (Facebook e Twitter) e organizando diversos atos nas ruas de São Paulo. Diante da recusa da secretaria de educação paulista em ouvir as demandas do movimento, as/os estudantes paulistas adotaram como estratégia a ocupação de suas escolas da rede estadual, chegando a mais de 200 escolas ocupadas no período.

Este é o início do movimento que se tornaria conhecido como *primavera secundarista* e que projetaria nacionalmente<sup>4</sup> a estratégia das ocupações secundaristas como forma viável de resistência às medidas antidemocráticas dos governos estaduais contra a Educação.

---

3 Neste projeto, cada escola seria responsável por apenas um dos ciclos que compõem a estrutura do ensino em escolas públicas: Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

4 Ao final de 2016, o Brasil viveria um movimento mais amplo com as ocupações estudantis em nível nacional e atingindo diversos níveis de ensino e redes, em função das lutas contra a Reforma do Ensino Médio imposta pelo Governo Federal, sob a liderança de Michel Temer.

Ao ocupar uma escola, as/os estudantes interrompem a gestão escolar estruturada institucionalmente (calendário escolar, currículo e avaliações, relações hierárquicas entre gestão, corpo docente e discente) e abrem caminho para a liberdade de criar novas experiências de aprendizado, com base na participação democrática organizada de modo autônomo e horizontal pelas/os estudantes.

As ocupações inverteram a lógica da escola, ainda que temporariamente, afetando a organização do espaço escolar em diversos sentidos. Os alunos, antes agentes passivos no processo educacional, alheios à gestão de suas próprias escolas e às questões políticas que lhes afeta diretamente, se reivindicaram sujeitos desse processo.

Assim, são propostas atividades pedagógicas pautadas pela circulação de saberes, e nelas se estabelecem laços pela solidariedade com a comunidade (Januário; Campos; Medeiros; Ribeiro, 2016). *Trata-se de* “uma outra forma de organizar as salas de aula, propostas com temas de interesses dos alunos e não mais determinados de fora, pelo currículo escolar” (Januário; Campos; Medeiros; Ribeiro, 2016, p. 17), em que se expressa a necessidade de recriação da gestão democrática da escola e, por consequência, de outra educação marcada por princípios como o diálogo, a cooperação e a horizontalidade das relações entre sujeitos em ativa formação.

Assumindo responsabilidade sobre a escola, no contexto da ocupação, as/os estudantes se tornaram responsáveis por gerir a escola, garantindo-a de limpeza, segurança, alimentação, comunicação e organização democrática, funções exercidas com trabalho coletivo das/dos ocupantes<sup>5</sup>. O ato de os/as estudantes autogerirem suas escolas de forma horizontal, constitui notável resistência à verticalização hierárquica que caracteriza a gestão escolar.

Sob a égide do neoliberal, controle e educação se estreitam e pressionam o funcionamento cotidiano da escola, num processo de submissão em cadeia que se efetua de cima para baixo, onde os próprios estudantes das escolas públicas são o último elo.

---

5 Segundo o modelo que norteou a organização das ocupações estudantis, tal como estas se configuraram no Brasil desde as ocupações de 2015 no Estado de São Paulo (Januário; Campos; Medeiros; Ribeiro, 2016).

Diante da carência de mecanismos de controle democrático, o projeto pedagógico se define pela imposição, pela competição e pelo silenciamento.

Ao ocupar e gerir suas escolas, as/os estudantes ressignificam sua relação com o espaço escolar, geralmente ordenado para manter-lhes sob controle. De posse das chaves, abrem as portas que antes estiveram trancadas e descobrem os recursos não utilizados e desperdiçados: livros que não foram entregues, equipamentos que se tornaram obsoletos<sup>6</sup>. Descubrem o *modus operandi* da educação em crise, ao qual encontram-se submetidos.

Suspensos os mecanismos de controle do espaço escolar, no seio das ocupações, despertam-se amplas potencialidades político-pedagógicas<sup>7</sup> que se revelam tanto no aprendizado da gestão e execução das demandas práticas, quanto na elaboração das atividades pedagógicas.

Ao se tornarem responsáveis pela elaboração e organização das atividades pedagógicas nas ocupações, as/os estudantes mostram de forma prática que outra escola é possível, tensionam as formas de gestão estabelecidas e reivindicam a reconstrução do diálogo, da transparência e da participação no cotidiano das escolas de luta. Essa reinvenção da educação democrática se estende para além das escolas que foram ocupadas, já que estas serviram de exemplo influenciando outras escolas, outros ativismos juvenis, outras formas de se fazer educação.

### **Fazendo Pedagogia da Autonomia com a Ocupa IEPIC**

No presente relato de experiência, buscamos resgatar a experimentação pedagógica desenvolvida para colaborar com a luta das/os secundaristas na ocupação do Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC), denominada Ocupa IEPIC.

---

6 Tal como foi documentado por Carlos Pronzato em “Acabou a paz, isto aqui vai virar o Chile! Escolas ocupadas em SP” (2016), que se encontra disponível no youtube em <https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw>.

7 Nas teorizações do campo da Educação e da Política no Brasil, as ocupações têm sido vistas como uma nova forma de fazer política e até mesmo como um “novo campo de possibilidades na experiência política brasileira” (De Sordi; Moraes, 2016, p. 25).

Intitulada *Pedagogia da Autonomia em construção: favor não incomodar com autoritarismo*, a atividade teve como objetivo colaborar com a resistência estudantil, através do contato com o princípio da autonomia na obra de Paulo Freire, possibilitando a reafirmação simbólica da ocupação e empoderamento político da luta estudantil.

Com a ajuda de uma professora de Sociologia lotada na unidade e apoiadora da ocupação, contatamos a comunicação da Ocupa IEPIC e nos dispusemos a desenvolver a atividade, que havíamos desenvolvido em parceria, com as/os ocupantes. Como vimos, o acolhimento das atividades propostas era feito pelas/os ocupantes, que partindo de suas demandas e disponibilidades, decidiam coletivamente, através de comissões e assembleias, distribuíam tarefas e participavam ativamente de todo o processo, construindo uma dinâmica coletiva de gestão da escola.

Assim, auto-gestão, horizontalidade e cooperação, características reconhecidas nas ocupações estudantis (Januário; Campos; Medeiros; Ribeiro, 2016), foram princípios que pudemos reconhecer na Ocupa IEPIC.



Figura **Erro! Nenhuma sequência foi especificada.:** Foto do portão de acesso (Acervo Pessoal).

A atividade foi implementada na tarde de 18 de abril de 2016 na sala griô do IEPIC (sala que os estudantes nos disseram desconhecer até o início da ocupação, já que estava sempre trancada) sob a forma de uma roda de conversa.

Após uma breve contextualização da obra do autor e da exibição de um vídeo da série “Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire” do professor André Azevedo da Fonseca<sup>8</sup>, iniciamos a dinâmica cooperativa da atividade, que também contou com a participação de estudantes do Colégio Pedro II – *campus* Niterói.

O debate foi estruturado por uma seleção prévia de trechos do livro *Pedagogia da Autonomia* (1996), que foram impressos em pequenos papéis que eram lidos pelos participantes. Organizada a roda, propusemos uma dinâmica em que cada pessoa presente lia um trecho da obra que seguia sendo debatida pelo grupo, enquanto nós íamos mediando o debate e articulando os diálogos que foram surgindo.



Figura **Erro! Nenhuma sequência foi especificada.**: Foto da roda de conversa sobre a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire com estudantes ocupantes do IEPIC e do Colégio Pedro II - *campus* Niterói (Acervo Pessoal).

<sup>8</sup> A série se encontra disponível no youtube em <https://www.youtube.com/watch?v=GC31igCvYzo&index=2&list=PL0k4OibqI6p6dqDjVxkbt-HwrtzzimNyn>.



Nesta atividade buscamos trabalhar alguns princípios norteadores da pedagogia da autonomia freireana que são fundamentais para a construção de uma proposta democrática e emancipatória de educação e que se encontram absolutamente presentes nas práticas de ativismo que ali estavam sendo desenvolvidas pelas/os ocupantes.

Assim, o objetivo da atividade foi fortalecer a participação política estudantil no cotidiano da escola e a perspectiva democrática e emancipatória da educação, resgatando o princípio da autonomia, proposto por Paulo Freire diante dos desafios do campo educacional brasileiro, para elucidar as disputas e relações que permeiam o espaço escolar.

Em primeiro lugar, buscamos oportunizar a percepção das/os estudantes como sujeitos da produção do conhecimento, em ruptura com o lugar passivo tradicionalmente reservado à estudantes. Para isso, resgatamos na dinâmica da atividade os seguintes apontamentos de Paulo Freire:

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. (Freire, 1996, p. 24)

No debate que se seguiu, as/os estudantes ocupantes ressaltaram seu aprendizado na gestão diária da escola durante a ocupação e pudemos dialogar sobre sua autoconstrução coletiva como “sujeitos da produção do conhecimento” (Freire, 1996). Na Ocupa IEPIC, as propostas de atividades pedagógicas eram submetidas à assembleia estudantil e analisadas segundo critérios coletivamente definidos. A autonomia estudantil que caracteriza este processo, subverte a lógica tradicional do currículo escolar e a transforma o processo de aprendizagem.

Destacamos também a importância de percebermos, com Paulo Freire, o sujeito como alguém “que existe e resiste, não simplesmente se adapta” (Freire, 1996). Tal como apontou o autor:

Minha presença no mundo não é a de quem se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas



objeto, mas sujeito também da História. Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.” (Freire, 1996, p. 60)

Publicado nos anos 90, o livro *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa* de Paulo Freire constitui uma resposta política do autor à pedagogia fatalista neoliberal que, naquela conjuntura, ganhava terreno na política nacional. Passadas duas décadas da publicação da obra, a importância da resistência apontada por Freire se fez presente nas práticas de luta das/dos estudantes ocupantes em defesa de suas escolas, em contraposição à um projeto educacional reconhecido como autoritário.

Neste sentido, abordamos o princípio do sujeito como defensor da educação, que se encontra presente na obra e que emerge na formulação do autor, quando o mesmo diz que sua “resposta à ofensa à educação é a luta política constante, crítica e organizada contra os ofensores”. (Freire, 1996, p. 65). As ocupações estudantis constituíram justamente uma resposta crítica e organizada aos ataques do governo estadual à educação. Luta pela educação que se constitui como prática educativa e como presença transformadora.

Ressaltamos ainda, a importância do sujeito que aprende e cria o novo, conforme Freire apontou:

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (Freire, 1996, p. 67)

As/os estudantes ocupantes nos falaram sobre como a ocupação havia modificado, em diversos sentidos, suas relações com o aprendizado e com a escola. Suspendendo a rotina do controle disciplinar da escola, as/os estudantes passam a aprender e ensinar de outras formas, para além da sala de aula tradicional. Assim, aprender e ensinar deixam de ser uma imposição burocrática e passam a fazer parte da dimensão da *experiência*, entendida aqui como o que nos atravessa, o que nos acontece (Bondía, 2002).

Ao refletirmos junto com as/os estudantes da ocupação sobre princípios norteadores da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, pudemos debater sobre questões pertinentes ao processo pedagógico do IEPIC - que é uma escola de formação de professores, entrando em contato com diversas demandas estudantis oriundas dessa etapa de formação, composta por uma importante dimensão de profissionalização no campo educacional. Assim, mais do que um conhecimento novo, buscamos oportunizar no debate o fortalecimento dos sentidos emancipatórios da educação, já que as/os estudantes conheciam Paulo Freire, que era também um componente da grade curricular daquela instituição de ensino.

Pela riqueza da obra, não tínhamos como objetivo esgotá-la, mas resgatar elementos que faziam sentido para aquele grupo. Consideramos que o debate foi muito produtivo e ficamos felizes em ouvir da/os ocupantes que a atividade tinha lhes proporcionado revisitar Paulo Freire de uma nova forma, tornando-o mais próximo de suas experiências de luta.

### **Conclusão**

No contexto da crise da educação na rede pública estadual do RJ, agravada pela profunda crise financeira do estado e pela carência de democracia que se somava ao descaso do poder público, aos cortes de custos, aos atrasos de pagamentos e ao sucateamento da rede, as ocupações estudantis se constituíram como uma estratégia de resistência fundamental, principalmente por expor as assimetrias de poder que tem caracterizado a estrutura educacional, submetendo os sujeitos da educação e legitimando a dominação. Os resultados do tensionamento das ocupações pela redemocratização das escolas têm se traduzido em ganhos práticos, tal como o demonstra a retomada das eleições para direção em diversas escolas da rede estadual nos últimos dois anos.

Na atividade *Pedagogia da Autonomia em construção*, desenvolvida na Ocupa IEPIC como forma de apoio à luta estudantil, foi possível perceber que as/os estudantes da ocupação estavam vivenciando em sua prática cotidiana o princípio pedagógico da autonomia proposta por Paulo Freire, já que haviam se tornado sujeitos de sua aprendizagem, vivenciada de forma coletiva e horizontal.

Nas oficinas, nas rodas de debate, nas atividades culturais, na aula horizontal, estabeleciam outras relações com o aprender/ensinar, vivenciado uma educação que afeta, atravessa e modifica. Quando o ensinar/aprender deixa de ser impositivo, não existe possibilidade de se *estudar por estudar* (Freire, 1996) e os diversos saberes e conhecimentos vivenciados durante a ocupação, podem compor e atravessar estas/es estudantes. Diversas falas na atividade iam nesse sentido - “antes da ocupação eu era assim, agora sou assim” -, relatavam como a ocupação havia modificado as/os estudantes ocupantes e nos ajudavam a perceber a educação como uma nova experiência, para além de uma educação burocratizada.

Ao discutirmos princípios da autonomia na Ocupa IEPIC, nos vimos envolvidos na pedagogia freiriana: o que falávamos e ouvíamos, confundia-se com o que estava sendo praticado naquele momento dentro da sala Griô.

#### REFERÊNCIAS:

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação [on line], 2002, n. 19, pp. 20-28.

DE SORDI, D. N.; MORAIS, S. P. “Os estudantes ainda estão famintos!”: ousadia, ocupação e resistência dos estudantes secundaristas no Brasil. Religación: Revista de Ciencias Sociales y Humanidades, Quito/Ecuador, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

JANUÁRIO, A.; CAMPOS, A. M.; MEDEIROS, J.; RIBEIRO, M. M.; As ocupações de escolas em São Paulo (2015): autoritarismo burocrático, participação democrática e novas formas de luta social. São Paulo: Revista Fevereiro, n.º 9, abr/2016.

#### SITES CONSULTADOS:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/08/politica/1460123788\\_119886.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/08/politica/1460123788_119886.html) >.

Consultado em 18 de abril de 2018.

<http://aduff.org.br/site/index.php/noticias/noticias-2016/item/2354-em-defesa-da-educacao-publica-estudantes-ocupam-escola-em-niteroi> >. Consultado em 19 de abril de 2018.

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-10/mais-de-mil-escolas-do-pais-estao-ocupadas-em-protesto-entenda-o-movimento>>. Consultado em 19 de abril de 2018.

<https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/>>. Consultado em 20 de abril de 2018.